

FH reeleito não revela medidas já

São Paulo - Armando Favaro



Fernando Henrique vai esperar reconhecimento da derrota por parte de Lula para comentar o resultado

CÉSAR FELÍCIO

BRASÍLIA - O presidente Fernando Henrique Cardoso é o primeiro presidente da República reeleito na história do Brasil. Ele garantiu ontem o seu segundo mandato, vencendo a eleição, no primeiro turno. Segundo a parcial divulgada pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE) às 22h35, com 31,92% dos votos apurados, Fernando Henrique está se reelegendo com 50,89% dos votos válidos. Luís Inácio Lula da Silva (PT), seu principal adversário tanto este ano como na última eleição, contabilizava 34,26%. Ciro Gomes, do PPS, estava com 11,67% e Enéas Carneiro, do Prona, com 2,08%.

Segundo a pesquisa de boca-de-urna do Ibope, Fernando Henrique se reelegeria com 56%. Em 1994, ele conquistou a presidência, também no primeiro turno, com 54% dos votos válidos. Lula ficaria com 29%. Em 1994, ele ficou com 25% dos votos válidos.

Fernando Henrique espera apenas o reconhecimento da derrota por parte de Lula para comentar o resultado das eleições.

Ajuste adiado - O presidente vai aguardar o resultado do segundo turno das eleições para os governos estaduais, dia 25, para anunciar as providências que serão adotadas pelo governo para garantir o equilíbrio das contas públicas. Seus assessores avaliaram que sem conhecer o vencedor das eleições em estados como Rio, São Paulo e Minas Gerais, não é conveniente anunciar as medidas do ajuste.

Reeleito, o primeiro desafio do presidente Fernando Henrique será evitar que o ajuste fiscal de emergência provoque danos à sua popularidade a ponto de criar complicações políticas logo no início de segundo mandato. Está em discussão pela equipe econômica um conjunto de medidas que envolve o aumento da carga tributária, especialmente o Imposto de Renda e a CPMF, além de cortes em gastos sociais e investimentos. A meta é conseguir um superávit fiscal de

R\$ 18 bilhões já em 1999.

Ajuda - Este pacote pode se tornar mais doloroso caso o governo não consiga o auxílio externo que está sendo negociado pelo ministro da Fazenda, Pedro Malan, com o Fundo Monetário Internacional (FMI). Sem esse auxílio, os juros terão que continuar na faixa de 50% ao ano e a recessão deve se aprofundar. Nesse caso, os economistas e consultores internacionais mais otimistas falam em um crescimento máximo de 1% do PIB, em 1999. Um golpe fatal na pretensão do governo de combater o aumento das taxas de desemprego e manter a renda per capita em ascensão.

O baixo crescimento do país obrigará o governo a um corte mais profundo de despesas, já que a meta de expansão do comércio exterior ficará comprometida. O cenário já não é favorável ao Brasil, com o aumento da concorrência dos produtos asiáticos em razão da crise cambial nesses países. E poderá se tornar ainda pior com o aumento do custo financeiro. Hoje, o déficit comercial brasileiro já é de R\$ 5,7 bilhões.

Frustração temida - Uma grande frustração popular com o novo conjunto de medidas poderá afetar o desempenho dos candidatos aliados ao presidente nos estados em que se realizará o segundo turno, caso o ajuste seja feito já na próxima semana. Se Fernando Henrique conseguir adiar a divulgação das medidas para depois de 25 de outubro, as condições políticas tornam-se melhores, já que o pacote será analisado por um Congresso em fim de mandato.

De acordo com assessores de Fernando Henrique, a grande preocupação do presidente é não provocar sobressaltos e sustos na população. O grupo de lideranças políticas mais chegado ao presidente avalia com ele a conveniência de uma entrevista coletiva ainda esta semana, antes de embarcar para a Restinga de Marambaia, no Rio de Janeiro, onde descansará entre os dias 8 e 12 de outubro. Em 1994, Fernando Henrique concedeu uma entrevista coletiva logo depois de conhecido o resultado das eleições.